

sem ligação clara com o que precede"... Pelo contrário, penso que os vv. 8-10 são exatamente explicados e complementados por este v. 11

²⁵ Cf a justificativa que faz Cornélio A LAPIDE, no séc. XVII, dos graus acadêmicos de Teologia: "É lícito desejar o grau de "Doutor" como testemunho de ciência, para que alguém seja investido da autoridade de ensinar e pregar ao povo e assim se torne mais reconhecido o seu ensino e pregação. Por isso preceitua o Concílio de Trento, na Sess. 24, cân. 12, que "todas as dignidades e ao menos a metade dos canonicatos nas Catedrais e Igrejas insignes(!), sejam conferidas só aos Mestres e Doutores, ou também aos Licenciados em Teologia e em Direito Canônico". Pois Cristo não diz: *Não queirais ser, mas não queirais ser chamados de mestres...* (cf *Commentaria in Matthaeum*, editio novissima, anterioribus auctior, Venetiis 1740 (edição original em Anvers, 1643, tradução minha do texto latino)

²⁶ Cf Jr 2,20 e 5,5; também Sir 6, 24-30 sobre o "jugo" da Sabedoria que vem da Lei...

²⁷ Cf *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. 4, p. 524, no verbete: *Teaching of Jesus*

²⁸ Nesse sentido, impressiona a palavra de Jesus em João sobre as "obras" dos discípulos, "maiores" que as do Mestre: *Quem crê em Mim, fará as obras que eu faço, e fará até maiores...* (Jo 14,12)

²⁹ Como precisamos também - a sociedade precisa - de juízes, apesar de Ele ter dito: *Não julgueis e não sereis julgados* (Mt 7,1... cf Tg 4, 11-12!). E precisamos também - a Igreja

precisa - de sacerdotes ministeriais, apesar de Ele ser o nosso único "Sumo Sacerdote" (cf carta aos Hebreus)

³⁰ Cito COMBLIN, J.: "... a autoridade é um carisma. Não pode ser fabricada. Não é muito abundante neste mundo. Quando aparecem pessoas com autoridade, é preciso tratá-las como pedras preciosas" (cf seu artigo: *Perplexidades de quem educa. A educação cristã forma para a liberdade*, in "Vida Pastoral" 198, jan.fev. 1998, p. 10)

³¹ Cf a feliz expressão de Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* n. 42: "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres. Ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas"

* O Autor é Mestre em Ciências Bíblicas, e Professor de Exegese Bíblica no ITESC

Endereço do Autor:

ITESC
Cx. Postal 5041
88040-970 - Florianópolis - SC

Fraternidade e Educação

Trabalho Bíblico-Pastoral e Educação Popular

*"Costumo dizer que, independente da posição cristã em que sempre procurei estar, Cristo seria, como é, para mim, um exemplo de Pedagogo."
"Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO".*

Paulo Freire.

Luiz José Dietrich*

Jesus foi um grande Educador Popular. Sua prática, na verdade, foi um grande exercício de Educação Popular. Este resgate, embora não seja original, pois muitas outras pessoas já ressaltaram este aspecto, sem dúvida representa contribuição muito importante no contexto da Campanha da Fraternidade, que em 1998 tematiza a Educação.

No entanto, há na prática educativa de Jesus um elemento a mais, que gostaria de destacar neste breve artigo. É que, em seu contexto, Jesus educava para a Vida e para a Liberdade, fundamentalmente

dando o exemplo e propondo para as pessoas uma nova forma de relação com o sagrado, com Deus. Esta nova relação deveria, segundo Jesus, ser mediada não por dogmas e rituais, mas pela Vida, por uma nova postura das pessoas diante de Deus, diante da sua vida própria cotidiana e diante das pessoas com as quais conviviam. É por acreditar que este é um dos mais importantes aspectos específicos do nosso trabalho, e também por acreditar que a formação de pessoas para a solidariedade (cf texto base da CF-98), passa pela relação das pessoas com o sagrado, e pela compreensão e pela relação das pessoas com a vida,

que neste artigo estes aspectos receberão uma atenção maior.

Procuraremos primeiro mostrar um pouco mais da prática educativa de Jesus em geral, usando para isso uma reflexão feita a partir do texto dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), talvez já bastante conhecida de alguns, para em seguida aprofundar um pouco mais o assunto da relação entre a prática de Jesus e a questão do sagrado. Para este ponto, uma retomada no estudo das parábolas de Jesus poderá ser de grande ajuda. As parábolas talvez foram a parte mais original da prática educativa de Jesus.

Antes de tudo, porém, não poderemos falar de Educação Popular sem prestar uma rápida homenagem ao maior educador popular que o Brasil já teve, Paulo Freire.

PAULO FREIRE: LER A PALAVRA DO POVO É LER A VIDA

No dia 2 de maio de 1997 o Brasil e o mundo perdiam Paulo Freire. Seu nome completo era Paulo Reglus Neves Freire, nascido em Recife aos 19 de setembro de 1921. Paulo Freire devotou sua vida à luta para que o povo pobre e oprimido pudesse dizer e escrever a sua palavra. Procurou criar uma pedagogia e um processo educacional em que os homens e mulheres das periferias, dos campos e das cidades, além de sujeitos dentro do próprio processo educativo, também se tornassem sujeitos da sua história. Devido ao seu incansável esforço neste sentido, a pedagogia e a educação levarão para sempre a sua marca.

Paulo Freire atuou em Recife na área da educação de adultos desde os inícios dos anos 50. Em 1958, em um congresso sobre educação de adultos no Rio de Janeiro, ele apresenta a sistematização de seu método de alfabetização. Para ele, a consciência política e o aprendizado da escrita são como as duas margens do mesmo rio. Do âmbito da educação municipal ele passa a integrar o Conselho Estadual de Educação no governo de Miguel Arraes. Juntamente com outras pessoas, funda o Movimento de Cultura popular de Recife. E em 1964, o presidente João Goulart o chama para o Programa Nacional de Alfabetização.

Com o golpe militar de 1º de abril de 1964, após ter-se escondido por um mês, ele será apanhado e ficará preso em Recife por setenta e cinco dias. Transferido para o Rio de Janeiro, consegue refugiar-se na embaixada da Bolívia e fugir para La Paz. O golpe militar na Bolívia o leva a fugir para o Chile, onde ficará de 1964 a 1969. Em 1969, como consultor do Conselho Mundial das Igrejas (CMI), passa um ano nos Estados Unidos e de lá se transfere com a família para Genebra. Ficarà na Suíça até a promulgação da Lei Brasileira da Anistia (1979). Retornando ao Brasil, deu aulas na PUC de São Paulo e depois

na UNICAMP. De janeiro de 1989 a maio de 1991 foi secretário municipal de Educação na gestão de Luiza Erundina, em São Paulo. Com quase 76 anos de idade, ainda cheio de planos e sonhos, estava escrevendo um novo livro, que se chamaria *Cartas Pedagógicas*, e se preparava para dar um curso na Universidade de Harvard, quando a morte o alcançou.

O Chile e a Suíça foram as bases a partir das quais Paulo Freire, ligado ao CMI, percorreu o mundo. Eram anos de muita fermentação política e de grande difusão de idéias terceiro-mundistas. O autor de *Pedagogia do Oprimido* coordenou e assessorou muitos programas de alfabetização na África, na Ásia e na América Latina. Como educador e militante, esteve ligado a todos os movimentos revolucionários que aconteceram na África e na América Latina nos anos 70 e 80. Dos pensadores brasileiros, Paulo Freire é um dos que alcançou maior renome entre os militantes e intelectuais da esquerda no mundo inteiro. Recebeu título de cidadão honorário de nove cidades, recebeu seis prêmios internacionais, e ainda vivo virou nome de rua e de nove escolas. Foi agraciado com o título de doutor "honoris causa" por vinte e oito universidades. Vinte e seis centros de estudos e documentação em questões educacionais foram batizados com seu nome. Escreveu mais de vinte livros sozinho, além de ter participado de mais treze em parceria com outros autores. *Pedagogia do Oprimido*, seu livro mais conhecido, vendeu mais de meio milhão de exemplares em todo o mundo.

*"Paulo Freire
devotou sua vida à
luta para que o
povo pobre e
oprimido pudesse
dizer e escrever a
sua palavra"*

ELE SABIA LER POR DETRÁS DAS PALAVRAS

Um dia, em 1971, exilado na Suíça, Paulo Freire contou um diálogo que tivera, meses antes, com um velho índio peruano, a quem conheceu numa turma de alfabetização:

- O que é uma montanha?, perguntou-lhe o educador.

- Uma montanha é um homem que dá nome a uma montanha, respondeu o índio.

- E se o homem não estiver lá?, insistiu. A resposta:

- Então não será uma montanha, porque não haverá ninguém para chamá-la pelo nome.

Na época, Paulo Freire qualificou a lição contida na resposta como uma síntese de tudo o que ele,

como acadêmico e pedagogo militante, havia acumulado em anos de rua e de biblioteca¹.

Como Frei Carlos Mesters, Paulo Freire era uma dessas pessoas que andam no meio do povo e aprendem com ele. Ele também sabia ler "por trás das palavras". Escutava, acariciava, perscrutava as palavras e percebia a vida que estava contida nelas. Via a gravidez das palavras. Para ele, nenhuma palavra dita pelas mulheres e homens do povo era sem importância. Todas elas eram "palavra-mundo", palavras grávidas de mundo, grávidas da vida de quem as usa. Para ele, as palavras eram como janelas. Ao olhar através delas - no CEBI diríamos "por trás" delas - ele via a realidade, a vida de quem as articulava.

Esta compreensão, aliada à idéia de que o ensino não é uma estrada de mão única que vai unidirecionalmente do mestre para o aluno, mas que é antes de tudo um processo em que aprendemos uns com os outros através do diálogo e da troca de saberes, foi o fundamento de seu "método".

O MÉTODO DE PAULO FREIRE E O TRABALHO BÍBLICO-PASTORAL

É sempre bom e oportuno retomar alguns pressupostos do método de Paulo Freire. Tanto ele queria, como nós queremos, que "o pobre seja o sujeito do processo educativo", e acreditamos que o "seu mundo cultural é mediação imprescindível de qualquer avanço de consciência"².

Neste sentido, o método de Paulo Freire sempre será fundamental para o trabalho bíblico-pastoral. A relação entre o trabalho bíblico-pastoral e a Educação Popular é muito forte porque, além da pedagogia implícita, a realidade, a cosmovisão e o universo cultural das pessoas envolvidas são o ponto de partida. Esta realidade é o "material" básico, tanto para a Leitura Popular da Bíblia quanto para a Educação Popular.

Para ambas, a questão central é a formação de sujeitos populares a "partir da realidade" para a transformação desta mesma realidade. Para ambas, a questão crucial é: O que é aquilo que chamamos de realidade, o lugar onde vivem as pessoas? Como é que a gente pode conhecer esta realidade? Como conhecer e entender o feixe ou a rede de relações que constituem a realidade das pessoas com as quais estamos trabalhando? Como constituir esta realidade em eixo central de um processo pedagógico de formação de pessoas para a transformação desta realidade? E é exatamente aqui que a

contribuição de Paulo Freire é insubstituível.

O método de alfabetização e conscientização de adultos, desenvolvido por Paulo Freire, pode ser dividido em dois grandes momentos. O primeiro é o momento da definição do conteúdo que será trabalhado no processo de alfabetização. É o momento de pesquisa no cotidiano em que vivem as pessoas que participarão do processo. É o levantamento do universo cultural e do universo vocabular da comunidade. Esta etapa do trabalho terá como resultado a lista dos **Temas e Palavras Geradoras**. Cada grupo, cada comunidade tem um conjunto específico de temas e palavras geradoras, que condensam e sintetizam a sua realidade específica, seu universo sociocultural. O segundo momento é quando o educador está em relação direta com os educandos, realizando o processo de alfabetização.

O primeiro momento, a forma proposta por Paulo Freire para a pesquisa do universo cultural e para o estabelecimento dos Temas e Palavras Geradoras, é de extrema importância para o trabalho bíblico-pastoral. É a metodologia mais bem elaborada que temos para sistematizar a realidade em que vive o nosso povo e de como selecionar os pontos-chaves desta realidade. A forma de conhecimento e abordagem da realidade que ele propõe, bem como os seus pressupostos, representam uma contribuição essencial para o trabalho popular numa perspectiva libertadora.

Hoje, pouca gente fala em metodologia de conhecer a realidade. Embora quase todos falem que levam a realidade em consideração, vemos pouca gente trabalhando as realidades com toda a sua complexidade e especificidade.

A questão da realidade é profunda. E talvez o descolamento das lideranças e das atividades do movimento popular, da realidade cotidiana, da vida nas comunidades, seja uma das principais causas da estagnação que atinge os movimentos na atualidade. O processo como se fazia o conhecimento da realidade, e também a própria realidade, mudou muito desde o surgimento do método e das pastorais até hoje. De um conhecimento da realidade que era feito quase sem mediações, indo diretamente ao povo, passamos para um contexto em que a realidade e a conjuntura são aprendidas em cursos e encontros com especialistas, em espaços institucionais de formação.

O âmbito da atuação também modificou-se muito. Se, nas décadas de 60, 70 e inícios de 80, na maioria dos casos, atuava-se somente em um grupo ou em uma comunidade, em uma área pastoral, com bastante tempo para conviver, conhecer as pessoas, suas famílias e suas casas,

"O método de alfabetização e conscientização de adultos, desenvolvido por Paulo Freire, pode ser dividido em dois grandes momentos"

atualmente nos defrontamos com uma agenda sobrecarregada, com muitas atividades em muitos espaços de atuação (sindicatos, associações, movimentos, pastorais, partidos...), quase sem tempo para a convivência.

Por causa destas mudanças e porque o "a partir da realidade" é um dos pilares básicos do nosso trabalho bíblico-pastoral, ler ou reler *Pedagogia do Oprimido, Ação Cultural Para a Liberdade, Educação Como Prática da Liberdade*³, além de ser uma boa homenagem a Paulo Freire, é muito saudável para nós. A formação bíblico-pastoral deve formar gente para coordenar uma reflexão de fé sobre a realidade cotidiana, e não formar somente repassadores de cultura bíblica, rituais sacramentais, ou consciência política. O objetivo do trabalho bíblico-pastoral junta um processo de tomada de consciência da realidade com uma leitura teológica da realidade. Busca formar sujeitos na Igreja e na Sociedade, sujeitos de sua vida e de sua história.

Para isso, os temas e as palavras geradoras, que são a espinha dorsal e o coração do processo de alfabetização e conscientização apresentado por Paulo Freire, devem ser também o coração e a espinha dorsal do trabalho bíblico-pastoral. Os temas e as palavras escolhidas condensam e desvendam aspectos centrais do cotidiano das pessoas que vivem numa determinada região. Sintetizam os pontos de confluência de várias relações que compõem a rede das relações locais, e influenciam o conjunto das outras relações que configuram a vida daquela comunidade.

"Os temas e as palavras geradoras devem ser também o coração e a espinha dorsal do trabalho bíblico-pastoral"

Assim, ao propor estas palavras para a discussão e a compreensão de suas implicações e significados, à luz da Bíblia e da realidade, estaríamos propiciando a discussão e a compreensão da realidade das pessoas e, ao mesmo tempo, também apontando a realidade como fonte

de conhecimento e de experiência de Deus. E do mesmo modo como as mulheres e os homens do povo vão se tornando capazes de compreender as relações e a vida por trás destas palavras, também vão se afirmando como produtores de cultura e sujeitos das transformações na sua vida, Igreja e Sociedade.

Possibilitando esta reflexão teológica libertadora sobre o seu dia-a-dia, a partir de sua fé, estaríamos construindo um grande laboratório popular de Teologia por este Brasil afora e, ao mesmo tempo, fortalecendo uma relação pedagógica para a construção,

em um grande mutirão, de uma sociedade que gere mais vida para todos. Um mutirão que, sem dúvida, terá entre seus participantes toda a força da obra, da vida e dos sonhos de Paulo Freire.

A METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO POPULAR E O TRABALHO BÍBLICO-PASTORAL

Na questão do método parece acontecer como diz a canção: "Quanto mais eu ando, mais vejo estrada, / mas se eu não caminho, eu não sou é nada..." e método é isto mesmo, significa "caminho".

Penso que, nesta questão do método, para os próximos anos as perspectivas devem ser no sentido de aprofundar a intuição primeira que nos levou a estabelecer uma parceria com a Educação Popular. A intuição de buscar que o pobre seja o sujeito do processo educativo, e partir de seu mundo cultural como mediação imprescindível para qualquer avanço de consciência. E para que de fato eles possam ser os sujeitos, para que de fato haja avanço de consciência, precisamos ter uma preocupação crescente em tornar mais verdadeira e eficiente a afirmação de que nosso ponto de partida é a realidade dos pobres, ou do povo. Isto implica não somente em considerar os pobres em suas situações específicas enquanto mulheres, enquanto pessoas negras, indígenas, sem-terra, sem-teto, excluídas, marginalizadas, doentes, desempregadas, e em outras situações vivenciais que aviltam a dignidade e a humanidade das pessoas, mas em conceber sua realidade não como um conjunto de fatores que podem ser conhecidos em um curso de Análise de Conjuntura, mas como uma imensa e dinâmica teia de relações que estruturam o seu ser no seu cotidiano e na sua vida.

Cada vez mais me convenço de que esta reflexão é muito importante e se faz inadiável. O trabalho com pessoas não pode se restringir à aplicação de um método. Um bom método não é tudo, ou melhor, um bom método nos faz ultrapassar os seus limites para entrar dentro da vida das pessoas. Não termina em si mesmo mas se abre para a vida. Isto é, devemos entender que o momento da convivência, da conversa informal, o convívio dentro das casas das pessoas com as quais trabalhamos, **também faz parte do método**, e talvez seja uma de suas partes mais importantes.

Frei Carlos Mesters popularizou o método entre nós na forma do triângulo *Realidade-Bíblia-Comunidade*. E o texto bíblico que já se tornou um clássico do trabalho do CEBI, para explicitar este método de estudar a Bíblia, é a passagem dos discípulos de Emaús: Lc 24, 13-35.

Jesus **parte da realidade** (Lc 24,13-24). Começa investigando o que é que estava na cabeça dos discípulos. Faz perguntas, escuta, caminha com eles. Não se desvia de sua intenção de partir da reali-

dade deles, nem quando o recriminam por não conhecê-la. Comparam-no a um peregrino alienado. Mas Jesus insiste em sua vontade de conhecer a realidade deles. E não só de saber, mas Jesus quer também ouvir deles a descrição desta realidade. Quer saber como eles a interpretam, como a estão vivendo, o que ela está significando para eles. Jesus quer saber com que referenciais eles a estão avaliando. Ele não quer simplesmente escutar as palavras e a versão deles. Quer também sentir o que vai no coração deles, quer ver seus valores.

E é só depois disto que Jesus dá o segundo passo (Lc 24, 25-27). Aqui é que Jesus **introduz a Bíblia** na discussão. Depois de ver por trás das palavras dos discípulos, depois de perceber seu coração e seus valores, quer dizer sua cosmovisão, é que Jesus insere as Escrituras na discussão. É importante percebermos duas coisas aqui. Primeiro, se Jesus não fizesse os discípulos falarem, não saberia que seu sofrimento maior devia-se a que ainda carregavam a expectativa de um Messias triunfante. Esta era a expectativa dos primeiros discípulos de Jesus, e foi também o que motivou a comunidade de Lucas a colocar esta narrativa no seu evangelho, quando cerca de 40 anos depois, a guerra judaica e a destruição de Jerusalém reacenderam essa expectativa. E segundo, que o que chamamos de "Bíblia", nesta parte, refere-se somente às Escrituras do Antigo Testamento. E mais ainda, não era um livro, e nem uma coisa que eles estavam levando e consultando pelo caminho. Nessa época os livros do AT eram ainda cópias manuscritas em rolos e estavam separados uns dos outros. Cada livro era um rolo. E estavam disponíveis somente nas sinagogas e nas casas dos rabinos mais importantes. Também, ao falar das Escrituras, Jesus usou os textos que estavam na memória e no coração dos discípulos. E não usou qualquer texto. A seleção foi determinada pela realidade dos discípulos, como descrevemos acima.

Depois disso, vem ainda um terceiro passo no "método" de Jesus. Ali podemos perceber que o "método" que Jesus usou, que é também o que nós queremos usar, é aberto para a vida. Ele não termina em si mesmo. Esta abertura se manifesta no momento em que eles chegam ao povoado de Emaús e Jesus faz menção de "ir adiante". Eles então o convidam a entrar em sua casa e a ficar com eles (Lc 24,28-29). Fico pensando, se este convite fosse dirigido a nós, sempre tão atarefados e envolvidos com uma agenda sobrecarregada, na qual momentos de convívio informal têm muito pouco ou quase nenhum espaço, qual seria a resposta que nós daríamos. Muitos de nós diríamos, e certamente muitas vezes já dissemos, que não poderíamos entrar e cear com eles, teríamos que ir adiante porque tínhamos "muitas coisas" para fazer. E o final do texto nos diz o que se perderia se Jesus tivesse agido desta maneira. Se no "seu méto-

do" não houvesse espaço para entrar na cozinha de seus amigos, das pessoas com as quais caminhava. É como se o método tivesse um momento mais formal da conversa sobre os fatos da vida, do dia a dia, sobre a Bíblia e a sua relação com estes fatos, um momento em que a metodologia tem um peso bastante forte, e um momento informal, da convivência, de entrar na "casa" e na "cozinha", à mesa do povo com o qual estamos trabalhando. Um momento em que a vida tem um peso mais forte.

Quantas vezes já tivemos que interromper uma caminhada mais ou menos nessa altura. De nada me adianta, por exemplo, ter uma série de compromissos sobre o ecumenismo na agenda, se não tenho tempo para procurar, conversar e conviver com os irmãos e as irmãs que cultuam Deus de maneira diferente da minha.

As questões de Gênero, o Bibliodrama, a Ecologia, a retomada da discussão a respeito da Educação Popular, abrem perspectivas de que, na questão do método do trabalho com o povo, a realidade, a situação e o lugar onde vivem as pessoas, deverá ser considerada bem mais seriamente, em todos os seus aspectos e com toda a sua complexidade, como um feixe, uma rede de muitas relações e múltiplas determinações.

Sem isso, corremos o risco de trabalhar a partir de um modelo abstrato e genérico de comunidade e de prática, e isto aplicado à exegese e à hermenêutica irá fazer com que descubramos nos textos bíblicos sempre um mesmo tipo de comunidade, com as mesmas práticas, matando a diversidade tanto das comunidades e das práticas dos tempos bíblicos como das práticas e comunidades atuais. Uma ênfase na vida como um todo, em suas múltiplas dimensões, não supervalorizando os aspectos sócio-políticos, também é fundamental para que o trabalho bíblico-pastoral contribua em um aspecto fundamental da vida humana que é a construção de sentido para a existência. Uma ênfase um pouco maior na dimensão da experiência religiosa da conversão, que induz a rupturas e implica na aquisição de novas identidades, pode fazer nosso trabalho resultar em um salto de qualidade na espiritualidade cristã, e não apenas a aglutinação daqueles que possuem um mesmo perfil ideológico-político⁴.

"Na questão do método do trabalho com o povo, a realidade, a situação e o lugar onde vivem as pessoas, deverá ser considerada bem mais seriamente"

O trabalho bíblico deverá ter como perspectiva a construção da solidariedade e da comunidade. A cada dia que passa vemos as práticas de solidariedade, de apoio mútuo, de fraternidade, de companheirismo, de amizade, de amor e compromisso serem substituídas por outras condutas. O utilitarismo, o individualismo, a indiferença, o descomprometimento e o descaso crescem, mesmo entre as classes mais pobres. Brigas entre vizinhos, inimizades entre lideranças, pequenas diferenças que se tornam barreiras intransponíveis por falta de espaços de vida comunitária e fraterna, vão dificultando as relações, impossibilitando a convivência e a caminhada lado a lado. A luta cotidiana pela sobrevivência por si só é difícil, e com as pessoas separadas entre si e amarguradas pode tornar-se impossível.

AS PARÁBOLAS DE JESUS E A EDUCAÇÃO POPULAR

Esta reflexão também nos convida a retomar novamente uma outra parte da prática de Jesus, onde a Educação Popular está muito presente. As **parábolas**. Jesus quase não usa alegorias. As parábolas têm um único ponto de comparação, e frente a ele os ouvintes têm que tomar uma decisão, formar uma opinião. As parábolas estão inseparavelmente ligadas à vida cotidiana. E têm uma aplicação imediata e concreta. Vejamos alguns dos aspectos das parábolas de Jesus, relacionados com a prática da Educação popular.

1. O chão das parábolas não é o das idéias, mas da prática, da conduta, do agir. As parábolas descrevem comportamentos, ações e situações. A ação é significativa. Não descrevem como Deus é, mas como Deus age, o que ele faz. Descrevem o processo, a dinâmica da realidade. Confrontam o comportamento dos interlocutores com o comportamento de Deus. Quando Jesus é censurado por sua conduta, por exemplo comer com publicanos e prostitutas, Jesus fala da conduta de Deus. O agir de Jesus é igual ao agir de Deus. Explica a sua ação, o rosto e o caráter de Deus. Faz isto não descrevendo idéias gerais, abstratas, mas com um exemplo concreto exemplifica a práxis de Deus.
2. As parábolas são usadas no diálogo. As parábolas estão a serviço do diálogo, principalmente com quem pensa e age de modo diferente. São usadas nas casas, nas mesas, em grupos etc. A maioria das parábolas provêm de situações de controvérsias. Usadas para defesa e ataque. São armas de combate que atingem fundo na cabeça, no coração

*“As parábolas
estão a serviço
do diálogo,
principalmente
com quem pensa e
age de modo
diferente”*

e nos pés das pessoas. Isto é, no seu intelecto, em suas emoções e em sua prática. Sempre são revestidas com imagens do cotidiano, acessíveis a todos. Geralmente apresentam pontos de vistas opostos, em que os personagens substituem os debatedores e envolvem todos os ouvintes e espectadores. O desfecho sempre traz uma surpresa. Algo inusitado. Mas que desafia a tomar uma posição.

3. A força de persuasão das parábolas vem do fato de elas traduzirem experiências concretas. Sua força de convencimento vem da sua ligação umbilical com a experiência de quem a está ouvindo. Experiências comuns, individuais ou coletivas, que já se tornaram senso comum. São usadas para abrir os olhos do entendimento. Para olhar para dentro de sua prática e de sua vida. Por isso, quase sempre começam ou terminam com perguntas. Tiram o ensinamento a respeito de Deus de dentro de experiências concretas. Fazem o cotidiano ser o lugar privilegiado da experiência e conhecimento de Deus. A vida é o lugar de revelação de Deus.
4. As parábolas partem da vida para voltar à vida. Fazem as pessoas refletir sobre a sua vida para transformarem sua forma de viver e a própria vida. E a forma como são elaboradas revela grande conhecimento e afinidade com a realidade cotidiana dos ouvintes. Mas também há outro elemento muito importante para nós, que estamos envolvidos em trabalhos bíblico-pastorais. As parábolas, por sua ligação com a vida, deslocam o eixo de reflexão, compreensão, conhecimento e manifestação do sagrado, dos templos e rituais para a vida cotidiana. Jesus ensina e capacita as pessoas com mãos calejadas e sujas pelo trabalho a procurarem o sagrado dentro das suas próprias atividades cotidianas. Isto vai na contramão dos ensinamentos da época, que aprisionavam o sagrado dentro do templo, dos altares, entre objetos dourados e prateados, ao alcance somente das mãos dos sacerdotes da raça pura.
5. Com as parábolas, Jesus ensina as pessoas simples, homens e mulheres, pescadores, agricultores, pobres, mães de família, a olhar e encontrar, no meio dos seus afazeres diários, entre suas mãos rudes e calejadas e sujas pela cotidiana luta para garantir alimentos que possibilitem a vida deles e de seus filhos e filhas, a presença do sagrado. Enquanto eles e elas trabalham, podem refletir sobre o sagrado, suas relações com ele e com as outras pessoas. Enquanto trabalham, “fazem Teologia”. Jesus lhes diz que a sua vida deve ser a raiz da

Teologia. Ao invés de dar um curso de teologia para leigos, com as parábolas Jesus capacita as pessoas a fazerem uma teologia leiga, porque dentro e a partir da vida cotidiana. A vida torna-se um grande laboratório de teologia para os homens e as mulheres. O nascedouro de uma teologia da Vida e para a Vida

O trabalho bíblico-pastoral só poderá alcançar esta meta se caminhar no seguimento de Jesus, e de mãos dadas com o processo de Educação Popular

"Enquanto trabalham, 'fazem Teologia'. Jesus lhes diz que a sua vida deve ser a raiz da Teologia"

inspirado nas propostas e na prática de Paulo Freire. Por isso, o resgate da prática de reconstrução de pessoas e comunidades, a partir da reconstrução das práticas e dos espaços de diálogo, de solidariedade e fraternidade dentro da vida cotidiana, como pilares básicos de uma nova sociedade, que inclusive foi a prática de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, torna-se a cada dia um desafio mais urgente. Espaços de vivência em que as pessoas possam se refazer em sua humanidade e dignidade, relações pessoais, humanas e humanizantes, que saibam nos fazer novamente perceber e perseguir a força da Vida presente em nossas lidas e relações cotidianas, têm o poder de se expandir, se reproduzir em todas as outras relações, irradiam a solidariedade formando uma grande rede de relações solidárias e fraternas. E é somente

uma rede assim que pode dar força e perenidade aos movimentos e gerar uma sociedade que realmente seja diferente desta em que vivemos.

NOTAS

¹ Relato escrito pelo repórter João Batista Natali, no jornal Folha de São Paulo de 03/05/97, terceiro caderno. Três páginas (3-5) deste caderno foram dedicadas à vida, pensamento e obra de Paulo Freire.

² Do excelente texto "O CEBI e sua vocação Política", p. 3.

³ "Educação Como Prática da Liberdade", Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1.967 (1a ed.), "Pedagogia do Oprimido", Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1.970 (1a ed.), "Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos", Ed. Paz e Terra, 1.976 (1a ed.). Um resumo do método de Paulo Freire pode também ser encontrado no livrinho "O que é Método Paulo Freire" de Carlos Rodrigues Brandão, da coleção Primeiros Passos da Ed. Brasiliense.

⁴ A esse respeito ver texto do Pastor Presbiteriano José Bitencourt Filho: "Da Releitura Bíblica: Uma Incursão Crítica", publicado no suplemento do jornal Contexto Pastoral no 35, nov./dez de 1.996.

* O Autor é doutorando em Ciências da Religião e é Assessor do CEBI-SC

Endereço do Autor:

*Endereço do Autor:
Caixa Postal 5150
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC*

Fraternidade e Educação

Família, Cenáculo da Educação da Fé

*Irany e Nereu do Vale Pereira**

"Família, dom e compromisso, esperança da humanidade!": Com esse enunciado realizou-se, no Rio de Janeiro, entre 1 e 5 de outubro transato, o II° Encontro Mundial do Papa com as famílias. Como atividade de estudos nesse encon-

tro aconteceu um Congresso Teológico-Pastoral sobre a Família.

Enquanto o primeiro Encontro, realizado em Roma no ano de 1994, centrara seus estudos na família como uma instituição fundamental na organização das sociedades humanas dentro de uma situação de crise e desafios, este segundo procurou conceituar a